



André Silveira

Autopreservação Política

Nos Açores, tem-se verificado uma tendência preocupante nas eleições autárquicas: a aposta em candidatos com baixa probabilidade de vencer, enquanto as figuras de maior relevância política evitam submeter-se ao escrutínio eleitoral. Este fenómeno reflete uma falta de coragem política e uma desvalorização do próprio ato eleitoral, transformando-o numa mera formalidade de resultados previsíveis.

Ao invés de apresentar os seus melhores quadros, os partidos frequentemente têm optado por candidatos secundários, que não têm capacidade de mobilizar eleitores ou de apresentar projetos consistentes, contribuindo para a perpetuação do status quo, onde as mesmas forças políticas continuam no poder sem enfrentar uma oposição eficaz. Esse cenário enfraquece a democracia local e afasta os cidadãos da política, pois o debate eleitoral torna-se cada vez mais desinteressante e pobre.

Em Ponta Delgada, por exemplo, o PS tem optado por candidatos sem expressão política, enquanto figuras de destaque, como Francisco Vale César, evitam se candidatar. A cidade, tradicionalmente um ponto estratégico para o governo regional, poderia ser uma plataforma para líderes ambiciosos se mostrarem como alternativas sólidas. Contudo, as figuras proeminentes preferem resguardar-se, evitando o risco de derrota, confiando que um mau resultado global na região não seja suficiente para a sua queda. A fasquia é colocada muito abaixo do aceitável. Essa postura enfraquece o debate e retira aos eleitores a possibilidade de escolherem entre opções qualificadas, mas também revela como a política regional se baseia em manobras políticas, onde os Açorianos e o seu melhor interesse ficam de fora.

Da mesma forma, no PSD, António Ventura, o homem forte da Terceira, também evita enfrentar a disputa pela Câmara Municipal de Angra do Heroísmo. Ventura, com grande base de apoio na ilha e uma carreira consolidada, teria todas as condições para liderar uma candidatura forte e desafiar o domínio do Partido Socialista na câmara. No entanto, optou por não se candidatar, o que deixa a opo-

sição sem uma figura capaz de mobilizar o concelho e apresenta um risco para a renovação política local.

A ausência de figuras de destaque nas candidaturas autárquicas, como Ventura, reflecte o receio de uma derrota em eleições locais complexas. Este comportamento é um reflexo da falta de confiança na renovação e na capacidade de liderança política. Ao se esconderem atrás de candidatos menos preparados, os partidos falham em oferecer aos eleitores uma verdadeira alternativa e a política local perde dinamismo.

Esse afastamento das figuras de proa da política regional e local cria uma lacuna no debate público e enfraquece a qualidade da governação. Quando os candidatos são fracos ou sem experiência, o debate público diminui e o desinteresse dos eleitores cresce, resultando em maior abstenção. Isso transforma as eleições autárquicas num processo morno e sem relevância, que não reflecte as necessidades e as aspirações das comunidades.

As autárquicas, sendo as eleições mais próximas das bases e uma expressão fundamental da democracia, deveriam ser tratadas com maior seriedade. Quando os partidos perdem essa ligação com as bases, tornam-se elitistas e desligados da realidade das populações. Um projeto político que se afasta da sua base corre o risco de perder a sua relevância e de inverter a pirâmide de suporte político, tornando-se irrelevante.

A regeneração da política autárquica passa também pela escolha de candidatos que estejam verdadeiramente comprometidos com a transformação das suas comunidades. Candidatos que entendam a política local como um campo de ação e não como uma arena para resguardar figuras. A política autárquica não pode continuar a ser um jogo de conveniências e medos. O futuro dos Açores depende da coragem dos partidos em enfrentar as eleições com os melhores quadros possíveis. Os Açores merecem mais e melhor.



Nídia Inácio *

A importância da Esperança na Família e na Política

É bem conhecida a mensagem de misericórdia e compaixão do Papa Francisco, que declarou 2025 como o Ano da Esperança. Num mundo marcado por crises e incertezas, o Papa vê este Jubileu como uma oportunidade para renovar a esperança no coração dos fiéis. E enfatiza a importância de olhar para o futuro com confiança, promovendo a paz e a solidariedade.

O tema da esperança é especialmente relevante no contexto atual, pelo que o Papa Francisco convida todos a serem portadores de esperança, não apenas nas suas vidas pessoais, mas também nas suas comunidades. E destaca a necessidade de apoiar os mais vulneráveis, promover a justiça social e construindo um mundo mais fraterno.

A esperança é assim um sentimento poderoso que pode transformar vidas e sociedades. Na família, é mesmo o alicerce que mantém os membros unidos, mesmo nos momentos mais difíceis. É a crença de que, apesar dos desafios, dias melhores virão. A esperança na família manifesta-se no apoio mútuo, no amor incondicional e na capacidade de superar adversidades juntos. Ela dá-nos força para enfrentar os obstáculos e motiva-nos a construir um futuro melhor para as próximas gerações.

A esperança pode ser vista nas pequenas ações familiares do dia a dia: Um pai que incentiva o seu filho a nunca desistir dos seus sonhos, uma mãe que consola e encoraja após uma derrota, ou irmãos que se apoiam mutuamente nas suas jornadas. São gestos, aparentemente simples, mas de enorme peso emocional e psicológico, que fortalecem os laços familiares e preparam todos para um futuro mais promissor.

A esperança na família é também um legado que se transmite de geração em geração. Isso permite formar adultos resilientes e otimistas, que olham para além das dificuldades e encontram soluções criativas para os problemas. Desta forma, a esperança torna-se um pilar fundamental para a construção de uma sociedade mais equilibrada e harmoniosa.

Na política, a esperança é igualmente essencial, pois inspira líderes e cidadãos

a trabalharem juntos por um bem comum. É mesmo a visão de um mundo mais justo, com oportunidades iguais e onde a voz de cada indivíduo é ouvida e respeitada. Através do diálogo e da cooperação, será possível alcançar mudanças significativas e duradouras.

A esperança na política encoraja-nos a participar ativamente na construção de uma sociedade mais inclusiva e democrática.

Desde as lutas pelos direitos civis até aos movimentos pela independência, a esperança tem sido o combustível que impulsiona as massas a lutar por um futuro melhor. Líderes visionários, movidos pela esperança, conseguem inspirar e mobilizar milhões de pessoas em prol de causas nobres e justas.

Além disso, a esperança na política mostra que cada voto conta e que a participação cívica pode influenciar positivamente o rumo das nações, e significa cidadãos mais propensos a exigir transparência e responsabilidade aos seus governantes. Esta esperança ativa é fundamental para a manutenção e fortalecimento das instituições democráticas.

Em síntese, a esperança na família e na política é o que nos impulsiona a seguir em frente, a lutar pelos nossos sonhos e a acreditar num futuro melhor. Ela une-nos, fortalece-nos e dá-nos a coragem necessária para enfrentar os desafios da vida. Este sentimento tem o potencial de mudar sociedades inteiras, promovendo um mundo mais justo, pacífico e inclusivo.

A esperança é um fio condutor que nos melhora. Na calorosa união da família, na vibrante arena da política, é o que nos mantém resilientes e determinados a construir um amanhã mais brilhante. E, como nos lembra o Papa Francisco, ao irradiarmos e semearmos esperança, contribuímos para um mundo onde a paz e a justiça prevalecem.

* Deputada do PSD | Açores na ALRAA